



PONCIÁ VICÊNCIO E PERRO VIEJO: reapropriar-se de uma herança ancestral

PONCIÁ VICÊNCIO AND PERRO VIEJO: reclaiming an ancestral heritage

PONCIÁ VICÊNCIO Y PERRO VIEJO: reapropriando una herancia ancestral

Alexandre de Oliveira Fernandes¹

Resumo: Pode-se inferir a partir de “O encontro de Perro Viejo e Ponciá Vicêncio: memórias cruzadas da escravização”, estudo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), que “Ponciá Vicêncio” (Cárdenas, 2006) e Perro Viejo (Evaristo, 2017), narrativas repletas de lirismo, condensam estruturas sociais-cognitivas-psíquicas complexas, atravessadas pela misoginia e pelo patriarcalismo. Assinada por Selma Leão (2023), a dissertação que serve de mote para o presente artigo, contrasta representações de memórias afrodescendentes e ancestrais na literatura da autora cubana e da escritora brasileira. Argumento que com sua escritas, essas mulheres, incluindo-se aí Selma Leão, recuperam feridas das violências – físicas e psicológicas – e seus flagrantes requintes de crueldade. Recuperar tem aqui também o sentido de “reestabelecer”, “curar”, “regenerar”, o que não se faz sem reapropriar-se de uma herança ancestral.

¹ Alexandre de Oliveira Fernandes é Professor de Língua Portuguesa e Literatura do IFBA. Professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB/Jequié (início em 2014) e no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL - UESC - início: 2020). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1556-4373>. E-mail: alexandre.pro@gmail.com.

Palavras-chave: Ponciá Vicêncio; Perro Viejo; Herança ancestral.

Abstract: Based on “The Meeting of Perro Viejo and Ponciá Vicêncio: Crossed Memories of Enslavement”, a study developed in the Graduate Program in Letters: Languages and Representations (PPGL) at the State University of Santa Cruz (UESC), it can be inferred that “Ponciá Vicêncio” (Cárdenas, 2006) and “Perro Viejo” (Evaristo, 2017), narratives filled with lyricism, condense complex social-cognitive-psychic structures, traversed by misogyny and patriarchy. Signed by Selma Leão (2003), the dissertation that serves as a motif for this article contrasts representations of Afro-descendant and ancestral memories in the literature of the Cuban author and the Brazilian writer. I argue that through their writings, these women, including Selma Leão, recover the wounds of physical and psychological violence and their blatant refinements of cruelty. Here, recovering also means “re-establishing”, “healing” and “regenerating”, which cannot be done without reclaiming an ancestral heritage.

Keywords: Ponciá Vicêncio; Perro Viejo; Ancestral heritage.

Resumen: Se puede inferir a partir de “El encuentro de Perro Viejo y Ponciá Vicêncio: memorias cruzadas de la esclavización”, estudio realizado en el Programa Académico de Post Graduación en Letras: Lenguajes y Representaciones (PPGL) de la Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), que “Ponciá Vicêncio” (Cárdenas, 2006) y Perro Viejo (Evaristo, 2017), narrativas repletas de lirismo, condensan estructuras sociales-cognitivas-psíquicas complejas, atravesadas por la misoginia y el patriarcado. Escrita por Selma Leão (2023), la monografía que sirve de motivo para el presente artículo, contrasta representaciones de memorias afrodescendientes y ancestrales en la literatura de la autora cubana y de la escritora brasilera. Argumento aquí, que con sus escritas, las mujeres en mención, incluida Selma Leão, recuperan heridas de las violencias – físicas y psicológicas - y sus flagrantes refinamientos de crueldad. Recuperar tiene aquí el sentido de “reestablecer”, “sanar” “regenerar”, lo que no es posible sin la reapropiación de una herencia ancestral.

Palabras-clave: Ponciá Vicêncio; Perro Viejo; Herencia ancestral.

CRUZANDO MEMÓRIAS E TEORIAS para o desmonte da colonialidade

No estudo de mestrado intitulado “O encontro de Perro Viejo e Ponciá Vicêncio: memórias cruzadas da escravização”², apresentado ao Programa de Pós-

² Banco de Teses e Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UESC). Disponível em

Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)³, sob a orientação da Profa. Dra. Raquel da Silva Ortega, à luz do pensamento decolonial (Bernadino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2021; Lugones, 2014) e feminista negro-decolonial (Vergès, 2020, p. 20), “um feminismo decolonial radicalmente antirracista, anticapitalista e anti-imperialista”, a pesquisadora Selma de Carvalho Leão⁴, objetivou analisar como memórias afrodescendentes e ancestrais são representadas nos romances “Perro Viejo” da autora cubana Teresa Cárdenas (2006) e “Ponciá Vicêncio” da escritora brasileira Conceição Evaristo (2017).

Advogo, no artigo presente que, na busca por superar estruturas da colonialidade, a pesquisadora examinou histórias de vilipêndio e perdas, histórias de resistência porque colaboram para a problematização de categorias e esquemas de interpretação atados ao eurocentrismo e à colonialidade. Trata-se de estudo cuja mirada decolonial, ato de desobediência epistemológica, realocaliza o alvo da interpelação crítica (Mombaça, 2021), pois, são escritoras negras que revelam e questionam a escravização e uma “civilização de dominação que impõe desejos baseados na desigualdade entre os sexos, além de considerar a mulher como objeto” (Leão, 2023, p. 84).

11

http://www.uesc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/ppgl/index.php?item=conteudo_dissertacoes-e-teses.php Acesso em 20 de junho de 2024.

³ O Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, em nível de mestrado e doutorado, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), iniciou suas atividades em 2008 e, “procura responder a demandas pelo empoderamento de grande parcela da sociedade brasileira, como as culturas indígenas e afrodescendentes, as mulheres, LGBTQIAP+ e demais representantes da diversidade sexual e de gênero”. Atua especialmente na região litoral do sul da Bahia (Ilhéus/Itabuna, Valença e Eunápolis/Porto Seguro). Organiza-se em torno de uma área de concentração, Estudos da Linguagem, e três linhas de pesquisa, a saber, Literatura e Interfaces; Linguística Aplicada; Linguagem e Estudos de Gênero. **PPGL**. Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações. Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Disponível em: http://www.uesc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/ppgl/ Acesso em 05 de julho de 2024.

⁴ Selma Leão é graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (2005). Pela mesma instituição tornou-se Mestra em Linguagens e Representações com a defesa de sua dissertação, “O encontro de Perro Viejo e Ponciá Vicêncio: memórias cruzadas da escravização”, em 2023. Atua como professora no Colégio da Polícia Militar Rômulo Galvão, na cidade de Ilhéus, BA.

Em suma, ao discutir a escravização negra e o racismo no Brasil e em Cuba, a referida dissertação permite-nos inferir que nesses territórios a exclusão da população negra dos espaços de poder foi a tônica, o que significa dizer que esses Estados não se apartam de uma civilização assentada na violência e que a opressão da colonialidade mitiga ainda hoje a participação democrática e a cidadania. Essas nações podem ser lidas como uma ficção colonizada e recolonial, ou seja, o colonialismo não acabou com o fim da ocupação colonial. Violentadas pelo imperialismo patriarcal – imperialistas elas também –, constituem-se como espaço em que o discurso branco-colonial-racista tem a hegemonia do lugar de fala, “onde o racismo e o sexismo organizam a vida social há anos” (Vergès, 2020, p. 22). A exemplo, são retratados sujeitos que trabalhavam desde o ventre materno e pessoas que em vida, desejavam a morte⁵.

Recorrendo a estudo bibliográfico-analítico, feminista-negro-decolonial, a perspectiva interdisciplinar utilizada em “O encontro de Perro Viejo e Ponciá Vicêncio: memórias cruzadas da escravização” (LEÃO, 2023), abre uma trilha afrodescendente e decolonial e privilegia um “encontro” de escritoras negras que revelaram e questionaram a escravização, por meio de uma escrita política a romper com práticas eurocêntricas e suas táticas de inculcação da vergonha e do “medo terrível de sentir-se livre” (Cárdenas, 2021, p. 49). Tal encontro, muitas vezes traumático e doloroso, é um processo de busca e resgate de identidade e de cultura, uma revisão que movimenta feridas e perdas, que reconecta os sujeitos vilipendiados a um passado de horrores, mas que também refunda relações de poder porque colabora para a produção de subjetividades antirracistas e para o desmonte da colonialidade.

A colonialidade é o modo através do qual se estrutura a supremacia branca. Coloca a classe dirigente como central em nossos interesses, ou seja, a agência colonial forma subjetividades fazendo com que defendamos desejos que não são os nossos, com simpatia e esforço; reduz lideranças indígenas, negras, ancestrais, ao papel de “simples criaturas” que não participam da produção do conhecimento; trata os subalternizados como mão de obra em face das necessidades da grande economia, do mercado e do capital estrangeiro; recorre à força – polícia e sistema

⁵ Perro Viejo “ya trabajaba desde el vientre de su madre. Ya era esclavo desde entonces” (Cárdenas, 2006, p. 23); “Vô Vicêncio queria a morte. Se não podia viver, era melhor morrer de vez” (Evaristo, 2017, p. 54).

judiciário, pedagogias e processos educacionais – e a todo um sistema de pseudo-justificativas para manter a classe oprimida produzindo riquezas sem muito reclamar da expropriação (Bhabha, 1998; Mbembe, 2018; Segato, 2021).

Desconstruir a colonialidade – presente nas instituições, nos corpos, nas subjetividades, nas leis, no chamado “mundo do trabalho”, nas relações interpessoais, nas mitologias e nas crenças de todo tipo – se coaduna com fortalecer o que se pode chamar de humanidade, rompendo com separações estanques e arbitrárias do tipo “seres humanos racionais” como superiores e “animais”, tidos como inferiores, pois, ora, somos espécies companheiras (Haraway, 2021). Fundamental é romper com pares dicotômicos e hierárquicos, a exemplo, masculino de um lado, feminino de outro, cujos corpos são encarcerados em azul e rosa, *pari passu* a uma releitura crítica do humano e da natureza, do humano e do não-humano, bem como das relações de gênero. Aqui não há interesse por ontologias positivistas e cartesianas; não se pauta o debate por lógica capitalista, metafísica europeia e sua história de propriação da colonialidade (apropriação, expropriação, tomada de posse, dominação, servidão). A ideia é fortalecer processos de transição dos corpos, de gênero (Preciado, 2022), envidar luta antirracista, desafiar desigualdades, lutar por justiça, buscar um feminismo antibélico e não encastelado nos interesses dos Estados Unidos da América ou dos países de Europa (Davis, 2019).

Levando em conta a perspectiva, a experiência e o conhecimento de sujeitos historicamente oprimidos, interessa um projeto epistemológico decolonial e reconstrutivista que não ignora a identidade e a localização dos sujeitos de conhecimento; busca decolonizar a epistemologia e disputar novos locais de fala. Que se quer, então? À medida em que lemos o estudo comparado de Selma Leão (2023), promover crítica radical do processo de legitimação do conhecimento, numa luta antifascista e anticolonial e, como não poderia deixar de ser, a abolição das circunstâncias culturais, sociais e políticas que sustentam o racismo.

DISPUTAR LOCAIS de fala

Ter a primazia da fala quer dizer que determinado grupo detém o privilégio da enunciação, no caso, a enunciação da branquitude eurocentrada, capaz de falar

pelos “outros”, narrá-los, descrevê-los, representá-los, narrar a si mesmo e interpelá-los⁶. Em outros termos, imagens e narrativas dominantes são produzidas desde um ponto-de-vista colonial. Jota Mombaça (2015) lendo Grada Kilomba (2019), nos conta que o objetivo do senhor branco é implementar um sentido de mutismo associado à boca dos negros escravizados, territorializando esse órgão como um lugar de tortura. A territorialização da boca dos escravizados como lugar do interdito da fala garantiria ao colonizador o controle sobre o mundo conceitual; daí que o silenciamento permite que a fala colonial branca se consolide como verdade. Ao interditar a fala do sujeito negro constitui um discurso hegemônico branco no contexto da escravização.

A literatura de Cárdenas e Evaristo, apontam para a necessidade de criação de novos lugares de fala, a partir dos quais seja possível questionar categorias e enquadramentos racistas de interpretação do mundo, ou seja, reconquistar o direito de enunciação e de pronúncia do mundo. Nos termos de Mombaça (2015), trata-se de uma disputa feroz pelo controle de um certo regime de produção de conhecimento.

O racismo, que “não é apenas um discurso mas a estrutura de onde se originam os discursos da colonialidade” (Nascimento, 2019, p. 31), funciona através do discurso branco colonial (por meio de ritos de silenciamento e de castração) e prossegue sendo orquestrado. A década de 1950 assistiu a homens negros serem linchados no sul dos Estados Unidos, submetidos muitas vezes a rituais de castração. Que temos aqui? Seguindo a argumentação de Grada Kilomba, o racismo branco projeta suas fantasias sobre os sujeitos negros, daí que, “o assassinato simultâneo do homem negro e a posse do pênis do homem negro espelham a conexão entre desejo, inveja e destruição” (Kilomba, 2019, p. 139).

Apoiando-se em autores como Frantz Fanon, bell hooks, Patricia Hill Collins, Stuart Hall, Philomena Essed, Malcolm X, dentre outros, Kilomba trata da dificuldade de o negro tornar-se sujeito. Em outras palavras, o racismo cotidiano, cuja violência diária reencena o trauma colonial, emudece os sujeitos negros; não permite que o negro fale. Pode até falar, mas não será escutado. Tal

⁶ Intepelação tem a ver com o modo como sujeitos são constituídos no e pelo discurso, “convocados” por certa ideologia a assumirem determinada posição de sujeito (Butler, 2021).

silenciamento simboliza polífticas sádicas⁷ de conquista e dominação, implicando em diferenças globais na partilha e no acesso a recursos.

Se os sujeitos negros estão “cortando caña, chapeando, cargando el bagazo en las carretas, cortando leña, apilando el carbón, alimentando los hornos, descachando las pailas, engrasando las piezas del trapiche todas las semanas, reparando las puertas del barracón, construyendo cepos... (CÁRDENAS, 2005, p. 23)”⁸, em que momentos poderão estudar, refletir, discutir, nomear, nomear-se, tornar-se sujeito? O pai de Ponciá Vicência, por exemplo, “não parava em casa. Vivía constantemente no trabalho da roça, nas terras dos brancos” (Evaristo, 2017, p. 15). Se estão sempre cuidando e limpando, em que condições se desenvolvem enquanto sujeitos, ou a eles é designada uma vida precária, extenuante, cujas vidas são constantemente postas em perigo? (Vergés, 2020, p. 25).

Ao longo da dissertação aqui discutida, as histórias recuperadas por Selma Leão junto com Teresa Cárdenas e Conceição Evaristo, objetivam superar as consequências da colonialidade e nos convocam à densa leitura crítica do colonialismo e seus efeitos. Conforme as feridas das violências – coloniais, físicas e psíquicas – e seus flagrantes requintes de crueldade, vão sendo recuperados, busca-se “levar à reflexão e à mediação [...], em que o negro em processo de desalienação possa se encontrar” (Fanon, 2020, p. 195). Atravessadas pela escrevivência de duas mulheres feministas negras e ativistas, consoante com o projeto decolonial fanoniano, atentam para um processo de desalienação, por um lado pessoal, cognitivo e, por outro, se coadunam com uma reestruturação da sociedade com vistas ao surgimento de um novo sujeito humano.

⁷ A poeta tatiana nascimento (nome grafado em minúscula por solicitação da autora, tal qual escrevemos “bell hooks”), intelectual negra sapatão, em seu escrito “Cuirlombismo literário” (2018), refuta o sadismo e o voyeurismo branco como “prazer sádico histórico, social, visualmente construído na exibição de corpos negros sofrendo” (nascimento, 2018, p. 28). E nos ensina que o viés jornalístico racista brancocentrado, ao “associar a sensação de ‘segurança e bem-estar do cidadão de bem’ à exposição de corpos negros, jovens, de homens assassinados pela polícia, em programas servidos pela televisão como prato principal à mesa do almoço (...) se alimentam da exposição midiática de nossos mortos (nascimento, 2018, p. 29). Açoitamentos são tratados como diversão popular e a justiça é confundida com linchamentos.

⁸ (...) cortando cana, desmatando, carregando as carroças com o bagaço, cortando lenha, empilhando carvão, alimentando os fornos, esfregando os tachos, lubrificando as peças da moenda todas as semanas, consertando as portas do barracão, construindo cepos... Cárdenas (2021, p. 31).

Recuperar tem aqui também o sentido de “reestabelecer”, “curar”, “regenerar”, o que se fez reapropriando-se de uma herança ancestral. Esse movimento de recuperação e desalienação implica em rasurar a epidermização do racismo, pois, ao se deparar com o racismo, o negro tenderia a introjetar um complexo de inferioridade e iniciar um processo de autoilusão, o que o levaria a falar, pensar e agir como branco (Fanon, 2020; Bernardino-Costa, 2016). Trazer o sujeito negro de volta à humanidade, não é algo que faça sem livrá-lo desse complexo de inferioridade.

A violência colonial opera em todos os cantos do planeta (Mombaça, 2021). É um domínio político, econômico, linguístico, literário, artístico, cultural e, quase sempre, espiritual, cuja colonialidade do poder (Quijano, 1997) estabelece divisões raciais na organização do trabalho e Estado, nas relações intersubjetivas e na produção do conhecimento (Bernardino-Costa, 2016). A violência colonial fere o imigrante, a mulher, mata as pessoas trans. Produz e reatualiza feridas que não cicatrizam. Daí o racismo, a misoginia, a transfobia e a xenofobia cotidianos, o fortalecimento de discursos de extrema direita e a desvalorização de sujeitos cujos corpos, desejos, subjetividades não se coadunam com o discurso dominante. O outro é desvalorizado. Não se lhe reconhece a existência⁹.

16

Esquemas de conhecimento produzidos por homens (brancos, héteros, judaico-cristãos) de quatro países da Europa Ocidental e um da América do Norte (Itália, França, Inglaterra, Alemanha e os Estados Unidos) insistem em arrogar para si a centralidade. Como funcionam? Remetem-se ao dualismo ontológico cartesiano – a mente seria uma substância diferente do corpo; a mente seria similar ao Deus cristão –, tendo como método de coleta e análise de dados um sujeito que pergunta e responde questões num monólogo interior até alcançar a certeza do conhecimento. Tal conhecimento monológico, cuja divisão “sujeito” de

⁹ Para a professora e filósofa socialista estadunidense, Angela Davis, “o racismo é algo muito mais profundo do que aquilo que pode ser solucionado por meio de processos de diversificação e multiculturalismo. Há estruturas persistentes de racismo, estruturas econômicas e políticas que não expõem abertamente suas estratégias discriminatórias, mas que servem, todavia, para manter as comunidades de cor num estado de inferioridade e opressão. (...) Na verdade, eu diria que o racismo é ainda mais efetivo e mais devastador hoje do que durante o período que produziu o movimento dos Direitos Civis. A população carcerária deste país fornece um exemplo dramático: entre os mais de dois milhões de pessoas atualmente nos presídios, mais de 70% são pessoas de cor (Davis, 2019, p. 92-94).

um lado e “objeto” do outro, por incrível que possa parecer, implicaria em “objetividade”. Trata-se de um ego “neuro” que produz conhecimento “imparcial”; o corpo, os desejos, os sentimentos do pesquisador desapareceriam e o saber, sem laços sociais, sustentaria a universalidade (Grosfoguel, 2016).

Atento ao *ego conquirio*, “conquisto, logo existo” e ao *ego extermino*, “extermino, logo existo”, Ramón Grosfoguel (2016) contou-nos sobre violências perpetradas contra os muçulmanos e judeus na conquista de Al-Andalus em nome da “pureza do sangue”; contra os povos indígenas do continente americano, primeiro e, depois, contra os aborígenes na Ásia; contra africanos aprisionados em seu território e, posteriormente, escravizados no continente americano; violências desferidas contra as mulheres que praticavam e transmitiam o conhecimento indo-europeu, queimadas vivas sob a acusação de serem bruxas.

Que temos aqui? Genocídios, racismos e epistemicídios. Destruição de conhecimentos ligada ao extermínio de seres humanos, queima de bibliotecas e códices indígenas, aniquilação de espiritualidades dissonantes, evangelização dos povos indígenas nas Américas (bárbaros a serem cristianizados) e produção de diferenças raciais (negros teriam baixo coeficiente de inteligência, tratados como primitivos a serem civilizados). Essas barbaridades constituem estruturas epistêmicas racistas/sexistas, binárias e excludentes, as quais, desde ao menos o século XV privilegiam a consolidação do patriarcado e a produção de conhecimento do homem ocidental, dado como universal, neutro, objetivo, à medida em que abjetam outros saberes, inferiorizando-os¹⁰.

O psiquiatra martinicano Frantz Fanon (2020) nos contou como o negro fora ensinado a ver o branco como o homem verdadeiro, enquanto que o antilhano,

¹⁰ Segundo tatianna nascimento (2018, p. 11), o racismo colonial heterocissexualizante “anula nossa complexidade, nos desumaniza, explora, escraviza, mata, estupra, fetichiza, exotiza – impede que nos chamemos por nossos próprios nomes”. O racismo segue firme em suas projeções, estereotipia e homogeneização. Daí questionar “qual sexo cabe a um corpo preto”, ser “hetero, disponível, explorável, reprodutivo, cisgerado” (nascimento, 2018, p. 5). A manutenção dessas expectativas dá a ler um “cistema ideológico, político, econômico e afetivo de controle dos corpos e sexualidades negras”. Tal controle ocorre por meio de “perseguição, chacota, anulação existencial física (especialmente de corpos trans negros) e simbólica, condenações a quem ouse escapar do imaginário racista colonial que constrói ‘a mulher negra’ (que pode ser mulata ou preta, cada uma com estereótipos específicos) e ‘o homem negro’ (que sole ser o pauzudo, estuprador, afetivamente irresponsável) (nascimento, 2018, p. 5).

ainda que aprendesse o francês da França e voltasse da metrópole cheio de si, vivenciava uma falta: ainda que falasse como um branco, não era como ele, senão um sujeito colonizado. Ora, falar é existir absolutamente para o outro; falar é sujeitar-se; falar é falar-se. E o que se aprende nas escolas? A desprezar a língua nativa, no contexto fanoniano o patoá, a mitologia negra, seus desejos e crenças, suas cosmogonias como crioulistas. Assim, falar, escrever, apropriar-se de uma linguagem é assunto caro porque não se trata apenas de empregar sintaxe, morfologia, concatenar ideias e imprimir coerência, mas de assumir uma cultura e suportar o peso de uma civilização.

Civilizar-se implica ter a memória colonizada, ou seja, civilizar é colonizar a relação entre os sujeitos e o mundo espiritual, com a terra e com a cosmologia (Lugones, 2014, p. 938). Daí o discurso da conversão, mecanismo de destruição de memória, conhecimento e espiritualidade. E não fora o Cristianismo responsável pela civilização – outro nome para genocídio cultural (Grosfoguel, 2016) –, o mesmo que, historicamente, justificou “violências cometidas contra os negros” (Leão, 2023, p. 92)? Não se concentrou a Igreja “no apagamento de práticas comunitárias ecológicas, saberes de cultivo, de tecelagem”, tanto quanto “no controle de práticas reprodutivas e sexuais”?

18

A ANCESTRALIDADE E A PRODUÇÃO de crítica literária antirracista

Não fora à toa que Leão dedicou seu estudo à sua filha, irmãs e sobrinhas. À sua avó analfabeta (*in memoriam*), de quem “pulsa em mim a sua ancestralidade: o uso das ervas, a contação de histórias, a sabedoria, o respeito às religiões e o acreditar na educação”. Em especial, ofertou sua dissertação, resultado de sua escrevivência¹¹ à sua “mãe que sobreviveu ao patriarcado” (Leão, 2023, p. 5).

¹¹ Em entrevista ao programa Roda Viva, Conceição Evaristo explicou que “escrevivência” se contrapõe à “escrita narcísica” porque tem a ver com escrever a partir de mitos afro-brasileiros e das experiências cotidianas de sujeitos subalternizados, na contramão do espelho de Narciso que não reflete o rosto negro. Para Evaristo, os espelhos de Oxum e de Iemanjá revelam a beleza negra. Isso tem a ver com a produção de autodignidade, com humanização negra, com o refletir da história de uma comunidade e não de um sujeito autocentrado. Roda Viva. Conceição Evaristo. **YOUTUBE.** 06 de setembro de 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-Plk> Acesso em 10 de abril de 2024. O conceito de

Sobreviver à sanha patriarcal não é de pouca monta. Conforme nos ensina Françoise Vergès (2020, p. 18), “o patriarcado não se expressa da mesma forma nos diversos lugares do mundo, não se apresenta com as mesmas feições, mas o fato de ele ser, aqui, abertamente grosseiro, vulgar, brutal, racista, misógino, homofóbico, transfóbico, enquanto lá se mostra educado, elegante, diz-se aberto à diversidade e ao multiculturalismo e se afirma partidário dos direitos das mulheres, não deve passar despercebido”. E o que mais nos interessa no presente artigo, “os objetivos das políticas desses patriarcas são os mesmos: servir ao capitalismo racial, explorar, extrair, dividir, despojar, decidir quais vidas importam e quais não importam”.

Nas palavras da ensaísta e dramaturga, Hélène Cixous (2022, p. 53), o patriarcado é um discurso governado pelo falo, cuja produção epistêmica incide sobre o corpo e a subjetividade das mulheres fazendo com que passem a odiar outras mulheres; mobilizem sua potência contra elas mesmas e executem a obra viril do patriarca. Trata-se da inculcação de um antinarcisismo: não se amar a não ser fazendo se amar por aquilo que não se tem, a saber, o homem. Esse anti-amor produz e sustenta representações estigmatizadas sobre as mulheres, qual seja, sensível, intuitiva, sonhadora, cuidadora; transforma o corpo da mulher em um corpo estranho, doente ou morto, um corpo que lhe causa inibições, medo e angústia. Resultado do patriarcado, essa economia libidinal e cultural repressiva promove mulheres envergonhadas, aos passos que os homens ficariam “seguros de si”. As mulheres são ensinadas a sentir vergonha de sua potência, vergonha e culpa. Uma estrutura superegoica culpada é legada às mulheres. Culpadas por tudo, de tudo a todo, de ter e não ter desejos, de ser frígida ou ferosa, de ser mãe demais ou de menos, de ter filhos ou de escolher não os ter, de amamentar ou não amamentar. Trata-se de um recalque da mulher, da produção de uma mulher reprimida. Daí Cixous convidar as mulheres a romperem com o teatro da representação falocêntrica, no qual a mulher funciona como significante reenviado

19

“escrevivência”, mostrando-se potente tem sido amplamente incorporado, a exemplo de Nkembo Olugbala Silva Santos, em seu artigo “Contreguns literários em giras de autopublicação: negras escrevivências”. Segundo o escritor, escrevivência lhe “interessa enquanto nascido do cotidiano de relações e experiências de vida coletiva e individual das pessoas negras” (SANTOS, 2021, p. 28), daí perceber na escrevivência negra autoral “fundamento com o conceito de contregum literário, na função de um mesmo feitiço de palavras, ‘ebó de letras’, para outras autoras e autores negros escrevíveis como nós nesta gira” (SANTOS, 2021, p. 40).

ao significante oposto, ou seja, funciona “dentro” apenas do discurso do homem. A poetisa defende a instituição de outro universo erótico, capaz de multiplicar os efeitos de inscrição do desejo, “em todas as partes do meu corpo e do outro corpo” (Cixous, 2022, p. 60).

E por sua vez, que está a fazer Selma Leão ao dedicar sua dissertação para sua mãe? A autora recupera memórias coletivas e memórias ancestrais; nos lembra que medicinas tradicionais foram desestruturadas por uma Modernidade/Colonialidade que supostamente produz soluções para problemas que ela mesma cria. Além disso, convida a rasurar a masculinidade hierárquica e produtora de violência, pois, ora, desmontar o patriarcado, romper com o mandato de masculinidade, o qual oprime mulheres e homens que morrem, se matam, se agridem, que devem ser ferozmente viris, implica em que não se pode curar sem politizar o debate, ou seja, forçoso é compreender que as dores são coletivas.

Em seu estudo comparado sobre memória e reencontro com uma tradição negro-diaspórica de resistência e acuir lombamento¹², eco decolonial amefricano de uma memória ancestral (Gonzalez (1988, p. 77), os textos nos saltam como se fossem “escritos pela mesma mão”? De quem? De Teresa Cárdenas ou Conceição Evaristo, de Perro Viejo ou Ponciá Vicêncio, de Lélia Gonzalez ou bell hooks, de Selma Leão ou Raquel Ortega? Daí não ser “de todo estranho que se encontrem em mais de um caminho¹³”, encruzilhados na poética cubana e nas comunidades da América do Sul, inclusive que se encontrem numa dissertação submetida à uma linha de pesquisa de um programa de mestrado, a saber, “Literatura e interfaces” do PPGL/UDESC, a problematizar saberes/poderes hegemônicos e a contrariar a escravização e os silenciamentos, a rasurar o cânone literário branco-autoritário, além da agência cotidiana, política e epistêmica racista presente ainda hoje no Brasil e em Cuba¹⁴.

20

¹² Acuir lombamento é uma recusa à definição rasa de “agrupamento de escravos fugidos”. Implica em reposicionar as numerosas formas de resistência com as quais os sujeitos negros lutaram para a manutenção da sua identidade pessoal e histórica (nascimento, 2018, p. 14).

¹³ “A África dentro de mim”. Entrevista de Teresa Cárdenas à Munah Malek. UOL. Quatro cinco um. 01 de nov de 2022. Acesso em 14 de nov de 2023. Disponível em: <https://www.quatrocinco.com.br/br/artigos/literatura-negra/a-africa-dentro-de-mim>

¹⁴ Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Dados do IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

Nesses países, apesar do discurso de igualdade racial, persiste uma desigualdade estrutural¹⁵, logo, problemas referentes à qualidade da alimentação, educação e moradia, bem como dificuldades para a mobilidade social denotam um espaço precário de vida para sujeitos negros. Separações sutis e, por vezes grosseiras, lugares de pobreza (negros) e de riqueza (brancos), negros vistos como meliantes e violentos, ao passo que brancos são lidos como confiáveis e pacíficos, evocam e sustentam um imaginário que, ao fim e ao cabo, reiteram para os negros um *lôcus* de pobreza, violência, agressividade, estigmatizados como vulgares e abjetos (Custódio, 2022). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018, 68,6% dos cargos gerenciais eram ocupados por pessoas brancas, enquanto que apenas 29,9% dos cargos eram ocupados por pretos ou pardos; já a população negra encarcerada no sistema penitenciário, cujos dados são de 2022, atingiu o maior patamar da série histórica do “Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), iniciado em 2005. São 442.033 negros encarcerados no país (68,2%) do total das pessoas presas.

Interpelada sobre a identificação do povo estadunidense com o presidente à época, George W. Bush, Angela Davis (2019, p. 84), nos ensina que “segurança” não é assunto lateral. Numa leitura decolonial, implica em tornar o mundo liberto das atrocidades do capitalismo e do patriarcado racista¹⁶.

21

Contínua 2018. **IBGE Educa**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21039-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca-no-brasil.html> Acesso em 20 de junho de 2024. Direitos Humanos. População negra encarcerada atinge maior patamar da série histórica. **AGÊNCIA BRASIL**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-07/populacao-negra-encarcerada-atinge-maior-patamar-da-serie-historica#:~:text=Em%202021%2C%20essa%20propor%C3%A7%C3%A3o%20era,%2C8%25%20do%20sistema%20prisional>. Acesso em 20 de junho de 2024.

¹⁵ O tratamento desigual em sistemas e agendas educativas, no mercado de trabalho, na justiça criminal, tudo isso coloca os sujeitos brancos em vantagem em relação a outros grupos racializados (Kilomba, 2019, p. 77).

¹⁶ Agora mesmo, o Congresso Nacional (CN) e o Ministério da Justiça (MJ) estão em vias de discutir um Projeto de Emenda à Constituição (PEC) que aumenta a responsabilidade federal no setor da segurança, prevê endurecimento de penas para faccionados e para crimes de feminicídio, integração das diversas polícias do país, combate ao tráfico de armas e drogas, penas ainda mais duras para a posse ou o porte de arma de uso restrito. Crise na segurança: a proposta do governo. Natuza Nery. **G1**. O Assunto. O Assunto #1259: 18 de julho de 2024. Disponível em:

Como podemos contribuir para tornar o mundo liberto das devastações do capitalismo global? Esse sentido mais amplo de segurança pode implicar a compensação da dívida para com a África; significaria pôr fim aos malefícios da privatização que ameaçam a nova sociedade que a África do Sul vem tentando construir. Implicaria também a mudança de prioridades, do complexo-industrial prisional para a educação, habitação, saúde pública. Bush foi reeleito – ou eleito, visto que ele foi nomeado em seu primeiro mandato, em vez de eleito – justamente por causa do pânico moral que desviou a atenção das pessoas das questões mais complexas sobre o nosso futuro. Bush foi eleito por causa do medo não apenas de outro ataque “terrorista”, mas também por causa do medo de que a superioridade global norte-americana pudesse estar em declínio.

Davis está pensando o tema da “segurança” de modo amplo, implicado nas questões do capitalismo, do neoliberalismo, do imperialismo. Ora, que instituições foram criadas para incorporar os negros nas sociedades assoladas pela escravização e pela colonialidade? Há acesso e permanência às instituições de ensino? Os direitos políticos, de moradia, de alimentação, de acesso e produção cultural são legados a grupos subalternizados? Davis responde negativamente a essas questões e convoca as mentalidades a um giro, a saber, repensar os malefícios das privatizações e as prioridades do capital financeiro na contramão de investimentos em educação, habitação e saúde pública.

22

Fico a imaginar quantas vezes durante a produção de sua pesquisa – que rememora horrores coloniais por meio de protagonistas negros, um homem e uma mulher, Perro Viejo e Ponciá Vivêncio, respectivamente –, Selma Leão não “engoliu a raiva em seco junto com o silêncio” (Evaristo, 2017, p. 22), entre “engasgos” (Evaristo, 2017) e “balançar de cabeça” (Cárdenas, 2006, p. 21). Ainda que pudesse parecer desorientada em seus pensamentos, diante de tanto “sofrimento e as perdas de identidade”, ou quantas vezes não quis deixar de rememorar feridas porque traumas doem por demais e, ainda assim, buscou se “libertar do espelho eurocêntrico onde [sua] imagem é sempre, necessariamente, distorcida” (Quijano, 1997, p. 138).

Entrelaçadas à força da resistência e à denúncia, em “O encontro de Perro Viejo e Ponciá Vicêncio: memórias cruzadas da escravização” (Leão, 2023), encontramos ricas memórias repletas de lirismo, narrativas que condensam

<https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2024/07/18/o-assunto-1259-crise-na-seguranca-a-proposta-do-governo.ghtml> Acesso em 24 de julho de 2024.

estruturas sociais-cognitivas-psíquicas complexas, por vezes carregadas de misoginia e patriarcalismo. A exemplo: “Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela devolveu o olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele (Evaristo, 2017, p. 19); “choros misturados aos risos, o bracinho cotoco e as palavras não inteligíveis de Vô Vicêncio (Evaristo, 2017, p. 15); ao enviar uma reclamação ao feitor, Perro Viejo recebeu um golpe tão rápido que “só se deu conta do que havia acontecido quando o sangue já lhe ganhava o rosto e ele não conseguia se mover, porque estava caído no chão, com a bota do feitor lhe apertando o peito¹⁷ (Cárdenas, 2006, p. 38); “o fogo dançou sob a panela como se quisesse incendiar tudo. Apesar da ida e vinda dela no tempo, em poucos instantes a janta ficou pronta” (Evaristo, 2017, p. 22-23).

De onde viria esse desejo de “virar logo homem”? E diria mais, talvez um homem branco, cis, judaico-cristão, europeu, classe média. Ora, esse interesse pode se conectar com os privilégios próprios da masculinidade e do patriarcado. Na cena retratada, vemos “o homem de Ponciá”, chegando em casa, “cansado, muito cansado. Sua roupa empoeirada, assim como o seu corpo, porejava pó. Ele e outros pondo uma casa, antiga construção, abaixo” e, ao encontrar sua companheira perdida no nada – “gostava de ficar sentada na janela olhando para o nada” –, “ao ver a mulher tão alheia, teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome” (Evaristo, 2017, p. 19). Ambos, “o homem de Ponciá” e a protagonista vivem seus dramas; e não se trata de desculpá-lo pela violência a ela desferida, mas de, por um lado, indicar que também estava sendo agredido pelo sistema colonial e que Ponciá, ao desejar “virar logo homem”, estaria seduzida pela masculinidade e os privilégios a ela destinados. Obviamente essa sedução é uma armadilha¹⁸.

¹⁷ “[...] se enteró de lo que había pasado cuando la sangre le ganaba el rostro y no podía moverse, porque estaba tirado en el suelo, con la bota del mayoral apretándole el pecho” (Cárdenas, 2006, p. 34).

¹⁸ Recordemos que em seu discurso para psicanalistas, o filósofo Paul B. Preciado (2022, p. 30), renunciou às vantagens do patriarcado: sendo “homem” branco, universal, poderia olhar reto; para o alto; cruzar o olhar com outros homens sem baixar os olhos e sem sorrir. E por que a negação? Haja vista seu objetivo, a saber, descolonizar o corpo contra o ego patriarcal, rasurar o projeto narcísico branco.

O vô Vicêncio cujos choros se misturavam aos risos, tinha um braço cotoco. Ex-escravizado, era um homem baixinho. Suas costas encurvadas e a magreza se somavam a “risos-lamentos e a choro-gargalhadas”. O pai de Ponciá teve até o desejo de matar Vicêncio, ao vê-lo delirar por tantas vezes, “quando o pai começou a rir e a chorar ao mesmo tempo, como também a dizer coisas não inteligíveis” (Evaristo, 2017, p. 19). À medida que o velho piorava, o desejo de matá-lo aumentava. Para matá-lo era “só recordar o fato” (Evaristo, 2017, p. 19). Daí que certo dia, sacudiu sem parar o velho, que ria e chorava desesperadamente. “Era só trazer a atenção dele para o fato. Iniciou as perguntas, desistiu. Sabia que se fizesse o pai relembrar de tudo, se ferisse a memória dele, o homem morreria de vez” (Evaristo, 2017, p. 20). Não conseguiu falar. Parou. Relembrar era também encontrar-se com a sua própria morte. Recordar era morrer. Se lembrasse o velho do que havia vivido, se o fizesse recordar o “fato”, “Morreria de todas as mortes, das mais profundas das mortes” (Evaristo, 2017, p. 20).

A agressão sofrida por Perro Viejo, com o sangue lhe saltando do rosto, caído no chão e com a bota do feitor no peito, guarda paralelo com cenas macabras de violência. A exemplo, tem-se George Floyd, afro-americano, morto por policiais em Mineápolis, nos Estados Unidos. Detido por supostamente ter usado uma nota de 20 dólares falsa, foi jogado ao chão e estrangulado por um policial. Enquanto outros dois seguravam-no contra o chão, um quarto policial vigiava a ação. Após ter o joelho de um policial branco pressionado contra seu pescoço por quase 10 minutos e, por mais de 20 vezes dizer aos policiais que não conseguia respirar, veio a óbito. Longe de ser caso isolado, o assassinato de Floyd reflete “problemas sistêmicos de uso excessivo da força e discriminação”, segundo o Departamento de Justiça dos Estados Unidos. No Brasil, casos como os de Luana Barbosa¹⁹, mulher negra, lésbica, jovem e periférica, que levava o filho para o curso de informática, espancada e morta por três policiais militares homens, em abordagem em abril de 2016, na cidade de Ribeirão Preto, São Paulo, e João Pedro, garoto de 14 anos, morto durante operação conjunta das polícias Federal e Civil em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, em maio de 2020, despontam

¹⁹ Justiça em preto e branco. Luana Barbosa dos Reis. **SPOTIFY**. 01 de dezembro de 2022. *Podcast* do Núcleo de Justiça Racial e Direito da FGV Direito SP. Disponível em <https://open.spotify.com/episode/1X0kfheD6pZZVJ10xSeQxL>. Acesso em 27 de maio de 2024.

como exemplos de racismo institucional. É o que afirmou relatório da alta comissária da ONU para os Direitos Humanos, Michelle Bachelet²⁰.

CONSIDERAÇÕES finais

Sendo os sujeitos negros protagonistas das histórias narradas por Evaristo e Cárdenas, identificou Selma Leão que as autoras estudadas produziram uma escrita decolonial, qual seja, capaz de fazer ruir uma epistemologia binária e lógico causal, contrariar o epistemicídio e o exotismo, romper com narrativas estereotipadas e humanizar personagens “reposicionando corpos, subjetividades e vidas fora da lógica binária” (Mombaça, 2021), ainda que “a possibilidade de amar [deles possa ter sido] anulada, porque o que se tinha era apenas tortura e morte” (Leão, 2023, p. 39).

A pesquisadora teve de lidar com “tortuosas memórias”, envolvendo o “Señor” cubano e o “Coronel” brasileiro, e com o que restou para os escravizados, a saber, “extermínio e muitos sofrimentos” (Leão, 2023, p. 108). Ora, “o amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. Em outros tempos, havia sonhado tanto. (...) Sentia-se ninguém. Tinha, então, vontade de choros e risos” (Evaristo, 2017, p. 18). Ponciá sentia-se reduzida, pequena. Tinha “tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio (Evaristo, 2017, p. 23).

Por outro lado, também pôde identificar nas narrativas estudadas práticas decoloniais, ou seja, mudanças epistemológicas, ações comprometidas com a

²⁰ George Floyd disse mais de 20 vezes que não conseguia respirar, revela transcrição. **G1**. Mundo. Por Deutsche Welle, em 09 de julho de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/07/09/george-floyd-disse-mais-de-20-vezes-que-nao-conseguia-respirar-revela-transcricao.ghtml> Acesso em 10 de abril de 2024. Polícia que matou George Floyd tinha rotina de racismo. **Carta Capital**. Mundo. Por Deutsche Welle, em 17 de junho de 2023. <https://www.cartacapital.com.br/mundo/policia-que-matou-george-floyd-tinha-rotina-de-racismo/> Acesso em 10 de abril de 2024. ONU: Casos de Luana Barbosa e João Pedro são exemplos de racismo institucional no Brasil como o de George Floyd nos EUA. **G1**. Mundo. Por G1 em 28 de junho de 2021. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/06/28/onu-casos-de-luana-barbosa-e-joao-pedro-sao-exemplos-de-racismo-institucional-no-brasil-como-o-de-george-floyd-nos-eua.ghtml>.

rasura da colonialidade. A exemplo, a protagonista de Evaristo (2017, p. 27) questiona seu nome. “Vicêncio” trazia a “reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio. (...) E Ponciá? De onde teria surgido Ponciá?”. Em Cárdenas (2006, p. 42), os escravizados preparavam feitiços contra a alma do senhor, seu corpo e sua mente, usavam ervas para suas dores e febras, plantas contra os vermes que acometiam as crianças, ou seja, utilizavam saberes ancestrais contra a vida infeliz que levavam no engenho.

Logo, produziu crítica teórica contra o capitalismo racista e neoliberal, a misoginia e o patriarcado, a sanha escravocrata. Sabendo que “onde há poder, a violência certamente é inevitável”, buscou “identificar como ocorrem na ficção” as atrocidades, o que “faz todo sentido quando o assunto é a decolonialidade” (Leão, 2023, p. 71). Sabendo também que onde há poder, há resistência, se questionou como Evaristo e Cárdenas lutaram.

Ora, essas autoras romperam com a gramática burocrática e legaram primazia à ancestralidade, destinando visibilidade aos negros, através de uma escrita cuja construção sintático-semântica se desvia do cânone e de uma linguagem burguesa. Trata-se de uma negligência, de uma ação descuidada por parte dessas autoras se utilizarem de períodos simples e curtos em sua composição? De modo algum, pois, como Frantz Fanon (2020), elas envidam importância ao fenômeno da linguagem e sua relação com a colonização. Ora, a linguagem expressa um mundo e implica o sujeito falante nesse mundo. A linguagem se relaciona com a produção de um ser e de um não-ser. Tem a ver com a formação de subjetividades, com a produção de uma forma de pensar. Pode inculcar sentimento de inferioridade e desenvolver sensação de apreço às realizações do colonizador.

Desviando-se de representações estáticas sobre os sujeitos, contrariando a produção de estigmas que tentam perpetuar violências sobre determinados indivíduos, rasurando expressões que reforçam o ponto de vista do dominador, os escritos de Evaristo e Cárdenas dão a ler personagens signo de ambiguidades e paradoxos, cujas vidas polifônicas e potentes estão interessadas em acordar os da casa-grande de seus sons injustos (Evaristo, 2017).

Como acordá-los? Dando-lhes a ouvir vozes ancestrais negras que falam de si mesmas, que se autodenominam e se reconhecem, que se desalienam. Trata-se da afirmação de uma negritude como ato político que torna o invisível visível, que afirma o corpo e a subjetividade negra como agência de intervenção intelectual,

epistêmica e política. E isso por meio de escritos sobre “aqueles que não aparecem em livros infantis e juvenis, os personagens negros. E junto com eles, (...) questões que também não foram abordadas, como o racismo, a violência contra a mulher, o abandono de idosos, a reivindicação de figuras históricas africanas, a emigração, o abuso sexual de meninas, a menstruação, a religião afro-cubana, o tráfico de escravos”. Essas questões preocuparam Cárdenas na infância. Agora, uma adolescente que tenha seu livro em mãos não precisará “aprender a lidar com tudo sozinha”²¹.

Acompanhando Maldonado-Torres, a escrita de Teresa Cárdenas e Conceição Evaristo é um giro epistêmico decolonial, por meio do qual a narrativa, a perspectiva da contação da história, a escritura emerge como questionadora, teórica, comunicadora capaz de reconstruir a si mesmo e de “combater os efeitos da separação ontológica e da catástrofe metafísica (Maldonado-Torres, 2018, p. 47), porque “não é na plenitude ontológica, mas na multidão de estilhaços que se produz a possibilidade de um outro modo de existência em conjunto” (Mombaça, 2021, p. 23).

Daí a importância de ler escritoras negras, cuja escrita encarnada, étnica e de gênero, ao tratar de Olorun e de ervas, dos saberes das ialorixás e dos babalorixás, das parteiras e dos povos originários, das garrafadas de Nêngua Kainda (Evaristo, 2017, p. 25) e da voz cerimoniosa da negra Aroni, contando a Perro Viejo histórias míticas de África (Cárdenas, 2005, p. 18), favorece a capacidade cognitiva de imaginar e sonhar – reimaginar o mundo, nas palavras de Jota Mombaça (2021, p. 66), uma “imaginação radical contra qualquer possibilidade de recentrar ontologicamente as questões do Ser” –, além do que promove visibilidade, representatividade e ação política. Trata-se de política literária de construção democrática do mundo, o que permite a Selma Leão concluir sua dissertação subjetivando-se e respondendo afirmativamente ao encontro consigo mesma, mas também com Teresa Cárdenas e Conceição Evaristo.

27

²¹ “A África dentro de mim”. Entrevista de Teresa Cárdenas à Munah Malek. UOL. Quatro cinco um. 01 de nov de 2022. Acesso em 14 de nov de 2023. Disponível em: <https://www.quatrocinco.com.br/br/artigos/literatura-negra/a-africa-dentro-de-mim>.

REFERÊNCIAS

- BERNARDINO-COSTA, Joaze. A prece de Frantz Fanon: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona! *In Civitas*, Porto Alegre, v.16, n.3, 2016.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. São Paulo: Unesp, 2021.
- CÁRDENAS, Teresa. *Perro Viejo*. Casa de las América, Cuba, 2005.
- CÁRDENAS, Teresa. *Cachorro Velho*. Tradução Joana Angélica D’Avila Mello. Rio de Janeiro: Pallas, 2021.
- CIXOUS, Hélène. *O riso da Medusa*. Prefácio de Frédéric Regard; tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos; posfácio de Flavia Trocoli. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- CUSTÓDIO, Lourival Aguiar Teixeira. Um país Sem Racismo? Palestinos, Negreiros e os lugares de negro e branco em Cuba. *Ponto Urbe*, Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana (LABNAU-USP), vol. 30, nº 2, dezembro de 2022.
- DAVIS, Angela. *A democracia da abolição: para além do império, das prisões e da tortura*. Tradução: Arthur Neves Teixeira. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2019.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017
- EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: “minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra”. *Nexo Jornal*, Juliana Domingos de Lima, 26 de maio de 2018.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu, 2020.
- GONZÁLEZ, Lélia. A categoria político-cultural da amefricanidade. *Tempo brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.
- GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*. vol.31 no.1 Brasília Jan./Apr. 2016.
- HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Traduzido por Pê Moreira Editora Bazar do Tempo, 2021. 184 p.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. 1º ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEÃO, Selma de Carvalho. O encontro de Perro Viejo e Ponciá Vicêncio: memórias cruzadas da escravização. *Dissertação*. Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), 2023.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set. 2014.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOMBAÇA, Jota. Pode um cu mestiço falar? *Medium*, 6 jan. 2015. Disponível em: <http://bit.ly/2V1138t>. Acesso em: 20 fev. 2024.

NASCIMENTO, Tatiana. *Cuírlombismo Literário*. São Paulo: N-1, 2018.

NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

PRECIADO, Paul. B. *Eu sou o mostro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. Tradução: Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

QUIJANO, Anibal. “Colonialidad del poder, cultura y conocimiento em América Latina”, *Anuario Mariateguiano*, vol. IX, no.9, Lima, 1997.

SANTOS, Nkembo Olugbala Silva Contreguns literários em giras de autopublicação. *Revista Espaço Acadêmico*, Universidade Estadual de Maringá, UEM, 20(226), 2021.

SEGATO, Rita Laura. *Crítica da colonialidade em oito ensaios: uma antropologia por demanda*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. Tradução de Jamile Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

29

Artigo recebido em: 29 de julho de 2024.

Artigo Aprovado em: 18 de setembro de 2024.